

## **EDUCAR PARA UM MUNDO POSSÍVEL, EIS O DESAFIO: A PAZ**

Maria Dilma Marques Torres Novaes Goiana\*  
Adriano Sobral da Silva\*\*  
Jaquiline Souza\*\*\*

**Resumo:** A violência generalizada no seio da sociedade mobiliza o investimento numa civilização mais humana, num processo de hominização das convivências. Para isso, precisamos superar a incidência da discriminação, do bullying, entre outros, no movimento de construção de uma cultura de paz. Um mundo possível, tecnológico e virtuoso, do cuidado com a VIDA, onde as minorias sociais tenham vez e voz, espaço e atuação, detentoras de saberes humanitários. Um mundo com esperança, entusiasmo que, na ação comunicacional, gera indivíduos com o gosto de SER MAIS.

**Palavras-chave:** Violência. Cultura de paz. Humanismo. Conhecimento holístico.

### **Introdução**

Vivemos numa sociedade em que a violência se manifesta no interior e no entorno da pessoa humana. No seio da família se observa fragilidades nos relacionamentos, tais como: ausência de diálogo (momentos insípidos de interação entre os membros da família - quase não existe mais encontro nem horários de alimentação, de lazer e bate-papo informal) e desrespeito às expectativas do outro no convívio diário, entre outros. Isso concorre para um rebatimento direto no indivíduo que, nesse contexto, se violenta.

---

\* Pós-graduanda em Educação e Ética por Um Cultura de Paz, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Especialista em Administração Escolar pelo CETEB. Professora da rede estadual no município de Floresta-PE. E-mail: dilmamarques4@yahoo.com.br.

\*\* Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Especialista em Educação pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Professor da rede estadual no município de Floresta-PE e do Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco (CESVASF). E-mail: drysobral@hotmail.com.

\*\*\* Pós-graduanda em Educação e Ética para uma Cultura de Paz, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Especialista em História da Cultura afro-brasileira e Indígena pelo Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco (CESVASF). Professora da rede pública estadual e municipal. E-mail: kylla\_souza@hotmail.com.

Precisamos, educar se educando. Investir na construção da identidade, da autonomia, viabilizando a emancipação pessoal e coletiva, um agir que desafiasse as fraquezas da sociedade, os assombros da violência. Uma ação/atuação pacificadora, tonificadora da alteridade humana. Mundos são possíveis. Percebe-se a possibilidade do diálogo, via interativa das negociações e acordos humanistas pela qual se constroem os freios da involução. Em palavras freireanas:

Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e me imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa mas não desiste. Boniteza que se esvai de minha prática se, cheio de mim mesmo, arrogante e desdenhoso dos alunos, não canso de me admirar (FREIRE, 2007, p. 102-103).

Com vistas à superação dos imperativos da involução, aspira-se o Ser no seu holos, em sua inteireza. Pode-se buscar nos movimentos de luta social, destacando a luta das mulheres, mas com observância na contribuição negra, indígena, de gênero e de credo.

Assim, a humanização torna-se possível. O sonho por um mundo mais justo tem solidez e viabilidade, fazendo-nos SER MAIS.

### **Um mundo possível: o diálogo com o contexto**

A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo. A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por se saber inacabado. Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de

explicação, de respostas a múltiplas perguntas. O fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão ao impulso natural da incompletude. O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história. (FREIRE, 2007, p. 136).

A sociedade em seu todo apresenta desvios de comportamento e de relacionamento que se manifestam no consumo das drogas, da falta de oportunidades de ocupação profissional, de lazer, de escola qualificada, de saúde, de transporte, de condições de vida digna, na voz do poeta Carlos Drummond de Andrade:

Mas que coisa é o homem,  
Que há sob o nome:  
Uma geografia?  
Como pode um homem sentir-se a si mesmo  
Um ser metafísico?  
Uma fábula sem signo que a desmonte?  
Quando o mundo some?

Pensar educação para uma cultura de paz num contexto de violência estrutural e doméstica, tem grande importância no âmbito pessoal e coletivo, tendo a escola o papel social que investe na produção de saberes diversos que favoreçam a concretização dos direitos humanos, da aprendizagem com significatividade, visto que o desenvolvimento integral do ser humano implica ir além dos aspectos cognitivos e conhecimentos teóricos, o que exige compromisso com outros saberes que são fundamentais à educação crítica e criativa em todos os níveis.

Um agir transformador e emancipador precisa estar centrado na vida e priorizar alguns saberes essenciais:

- Formação para e pela cidadania;
- Concepção de vida valorativa: respeito, alegria, amizade, bondade, tolerância e amor;
- Atitude dialógica e colaborativa;
- Exercício da vida democrática;
- Olhar holonômico sobre a realidade circundante.

O comprometimento com a ação transformadora compreende educar holisticamente, estimula o desenvolvimento integral do ser humano, a inteireza do ser, a interlocução dos quatro pilares da educação básica e que consiste na essência de uma cultura de paz: aprender a aprender, aprender a ser, aprender a fazer e aprender a conviver.

Só nos resta acompanhar, entre passivos e impotentes, cúmplices e indiferentes, tudo tornar-se espetáculo e mercadoria, inclusive as formas mais agudas de crise como as guerras, os massacres, a fome e a miséria de populações inteiras? (BUENO, 2002, p. 283).

Nessa via de reflexão, a violência e a agressão, em forma de rebeldia, de desrespeito, de opressão não podem ser aceitas, nem toleradas. Todavia, é papel da escola favorecer as oportunidades de organização, de protagonismo juvenil, referenciadas no filósofo Sócrates que, na Grécia Antiga, acreditava que cada um, como ser pensante, pode descobrir as razões e as verdades que motivam suas ideias, suas vivências, num pensar por conta própria, conquista da autonomia cidadã, emancipação, conhecendo-se conhece a si mesmo e ao outro, lidando com o mundo mais sadiamente e sabiamente.

Empoderar a escola e os educadores para o enfrentamento de educar para a autonomia e para a emancipação é um desafio, visto que se corre o risco de criar uma geração de novos opressores que usam instrumentos diferentes para excluir, explorar, manipular, discriminar, dominar.

Que pessoa humana desejamos formar?

- Autoritária? Democrática?
- Preconceituosa? Discriminadora?
- Competitiva? Solidária?
- Obediente, submissa? Emancipada, reflexiva? Autônoma?
- Intolerante, compreensiva?

Segundo André Bueno “Educação para a autonomia e a emancipação, no caso, implica em manter fortes os vínculos entre o trabalho das gerações passadas, a vida no

presente e seus limites, assim como as imagens de um futuro diferente” (2002, p. 284).

Corroborando com essa perspectiva Paulo Freire:

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desrespeitar a rigorosidade da ética e resvalar para a sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de transgressão (FREIRE, 2007, p. 59).

Portanto, para consolidar, fortalecer e construir uma cultura de paz é preciso contribuir para que professores e alunos consigam fazer superação, ultrapassar a ponte entre pré-história e civilização humana, contemporaneidade e pós-contemporaneidade.

O desafio está posto. Estamos expostos à barbárie, à falta de identidade pessoal e coletiva que nos leva a pensar mundos possíveis. No seio do desejo coletivo por uma cultura de paz, urge pressupostos a serem considerados:

- Diálogo;
- Solidariedade;
- Esperança;
- Entusiasmo;
- Ética.

São esses pressupostos que redesenham um novo mundo de liberdade, igualdade e paz. Involuir não é preciso, é importante analisar a crise mundial que se manifesta no desencanto entre as nações, nos focos de miséria, nas situações de desemprego, nos bolsões de violência, no capitalismo e neocapitalismo “selvagem”, no destaque da fome.

A situação econômica e política vêm mapeando retrocessos e avanços com relação à qualidade de vida da população. Com relação aos aspectos econômicos, a globalização traz impactos profundos à vida em particular e coletiva, à vida rural e urbana: isso se dá através da concentração de renda, de riquezas, de saberes, de privatização em benefício de alguns, do individualismo que cerceia liberdades e relacionamentos. Com relação aos aspectos políticos, o neoliberalismo, da forma como

se estrutura, com sua política de mercantilização da educação, cortes das políticas sociais, desregulamentação do Estado, diminuição do papel do Estado na área educacional, da saúde, do emprego e da geração de renda, violenta o humanismo, a democracia social, a qualidade de educação, saúde e segurança pública, fragilizando toda a organização da sociedade.

Considerando os avanços da tecnologia, emerge uma exclusão assustadora quanto à cultura digital, um analfabetismo, que pela ampliação do agir comunicacional online, sem reflexão, contribui fortemente para o afastamento das pessoas e para o isolacionismo. Esse contexto pós-moderno, aliado ao consumismo, acrescenta a lacuna das identidades institucionais, profissionais, familiares e do ser cidadão.

Investir em seres humanos mais humanos, objetivados em tecer um olhar sobre a crise, um olhar crítico, criativo, autônomo, projetivo, reflexivo. Olhar para a crise para identificar e cultivar os seus aspectos de positividade que elevam o caráter humano de respeito ao outro, à diversidade, contribuindo para o equilíbrio, para a sustentabilidade da economia e da política, de tal forma a perceber oportunidades e possibilidades de melhoria da qualidade educacional. Numa visão hegeliana, SUPRASSUMIR: negar coisas, situações e conceitos que não atendem mais; conservar coisas, situações e conceitos que devem permanecer; e elevar-se para um patamar de melhoria do SER MAIS.

### **Um mundo possível: a inteireza do ser virtuoso**

A crise de valores manifestada na virada do século coloca em pauta no debate o olhar sobre ética, as virtudes. Muitos desvios sociais e éticos terminam numa posição tão comum, deixando-nos perceber o vício no limite da normalidade.

Os vícios na atualidade se materializam fortemente nas várias formas de violência física e simbólica, amplamente exercitada em toda sociedade e a agressão física amplamente banalizada. Há sinais significativos de fruição dessas violências, em meio à crise de valores, ligadas ao uso de drogas e às situações de empobrecimento social.

Cuidar da vida, cuidar da sociedade, cuidar da pessoa humana em sua totalidade, numa visão holística do ser, é requisito primordial para buscar superação das mazelas sociais. O cuidado é uma onda muito importante para a indagação mais preocupante do momento: muito desenvolvimento, muita ciência, muita tecnologia, para onde vamos? Para onde iremos?

Nesse cenário é imperioso estabelecer o sentido, a função, a alma da escola que queremos para o século XXI. Um fazer escolar que privilegia a formação pessoal se caracteriza pelas notas de singularidade, autonomia, abertura e diálogo. Uma escola que respeita a *singularidade* sabe sujeitar o trabalho e as relações escolares à capacidade, interesse, ritmo, especificidades de gênero e história de vida de cada estudante, e estimula sua criatividade e o desenvolvimento de suas peculiaridades.

Quando se defende a *autonomia*, cria-se estratégias de sua participação na dinâmica da escola e nas escolhas pedagógicas possíveis, dentro dos limites éticos, favorecendo, cada vez mais, a relação/interação com os colegas e demais participantes da escola.

O exercício cotidiano da participação do aluno e do professor vai de encontro a dois aspectos muito presentes na maioria das escolas: o falso conceito de autonomia do aluno e o relativismo. Segundo algumas pedagogias modernas, o aluno deve desenvolver-se por si mesmo, sem imposições por parte dos demais nem de nenhuma autoridade. Esta apenas forneceria o suporte a seu autodesenvolvimento, sem, no entanto, se envolver no processo educacional. Quem pensa assim de fato, ou não conhece profundamente como funciona a natureza humana ou então é possível que esteja buscando justificativas para se omitir. Estas posturas, em geral, estão permeadas de visões relativistas da vida, que afirmam não existir, na prática, uma verdade objetiva que precisa ser descoberta através da educação, atropela-se, dessa forma, a individualidade, a formação da identidade, os direitos do ser cidadão e a autonomia da escola enquanto espaço de saberes e valores humanos.

### **Um mundo possível: um movimento de militância pela paz**

Sentimo-nos presos ao mundo neoliberal, tecnologicizado e do conhecimento, que termina por embaçar nossa visão. Quando se fala em neoliberalismo entendemos que os conceitos de bem comum, de igualdade e de justiça retrocedem na sua essencialidade, situando-se no jogo dos mercados internacionais. Os mercados têm se expandido pelo viés da globalização, que é viabilizada e fortalecida pelos meios de comunicação, pela tecnologia. Os computadores chegam a todos os lugares e podem contribuir para grandes transformações da realidade. Se de um lado contribui para desenvolver melhor, mais rápido, as tarefas, as atividades, por outro lado nos afasta do humano e a violência se torna banalizada pelos meios midiáticos.

Historicamente as mulheres sempre estiveram ligadas à educação, mas a partir dos anos 70 há ampliação. E na população, em geral, as mulheres têm um nível de instrução mais elevado do que os homens. Igualdade de gênero é um tema histórico e remete, também, à exclusão social em que a realidade nos faz questionar: quem são as minorias sociais no Brasil? É visível a importância da mulher, no sentido da busca do consenso, pela mediação de conflitos. Segundo Freire (2007, p. 36):

A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres. Quão ausentes da democracia se acham os que queimam igrejas de negros porque, certamente, negros não têm alma. Negros não rezam.

No momento em que o pensamento feminista comporta ou acolhe a diferença, vem contribuir significativamente para a construção de uma cultura de paz, por defender o respeito à diversidade, na tentativa de resgatar a imagem da mulher, com visibilidade, como ser humano sujeito de direitos e de deveres; capaz de pensar um mundo diferente, pela construção de novos significados na interpretação do mundo. Em que a diferença de ser mulher não tem o mesmo significado para o contexto



sulista, nordestino e, de forma mundializada, para uma americana, sulamericana, africana, européia ou oriental.

As questões de gênero devem gerar, na escola, discussões sobre temas locais e globais, no sentido de desenvolver uma visão crítica da realidade. Essa visão crítica requer uma análise do passado, do aspecto situacional presente e da prospecção, como forma consciente de intervir para mudar. Sabemos e temos registrado a luta do negro, do índio e outras minorias sociais pela reflexão e respeito aos Direitos Humanos, à diversidade, às diferenças, contribuindo e sedimentando uma cultura de paz.

Um fator que nos parece primordial é a formação escolar reflexiva para enfrentar a barbárie neoliberal na educação. Com relação a esse caráter reflexivo pontua Paulo Freire,

Não há para mim, na diferença e na “distância” entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação. A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica. Ao criticar-se, tornando-se então, permito-me repetir, curiosidade epistemológica, metodicamente “rigorizando-se” na sua aproximação ao objeto, conota seus achados de maior exatidão (FREIRE, 2007, p. 31).

### **Um mundo possível: a humanização recorrente**

Existem saberes essenciais à formação humana, sabe-los é indício de mudança; de mudança de mentalidade, da construção de uma nova consciência como pessoas ativas, empreendedoras, criativas, proativas e inovadoras, considerando:

- O saber relacional – aprender a viver bem com o outro, a conviver;
- O saber atitudinal – aprender a ser, cuidar de si e do mundo, aprender a respeitar e assumir os direitos humanos;
- O saber conceitual – aprender a aprender, a apreensão dos saberes construídos pela humanidade;

- O saber procedimental – aprender a fazer com criatividade e curiosidade superando o modelo técnico que gera tarefeiros.

A escola, nessa perspectiva, é um espaço privilegiado no processo de formação humana, de uma formação integral. Uma educação que se pauta por concepções comprometidas com a dignidade humana, a justiça social, a ética democrática e a cidadania, onde o conceito de cidadania, construído historicamente, expressa a participação ativa, a planetaridade.

Educar para a cidadania, como coloca a pedagoga Aída Monteiro Silva, visa “[...] entender que direitos humanos e cidadania significam prática de vida em todas as instâncias de convívio social dos indivíduos” (SILVA, 1998:142).

As escolas precisam ser espaços de construção de saberes que geram autonomia, pessoas capazes de viver o dia a dia com criatividade e determinação, gerando oportunidades e favorecendo a reflexão sobre a responsabilidade social, com metodologias que estimulem a participação e a formação de consciência crítica.

Um dos saberes fundamentais é a prática do diálogo, que requer acolhida e capacidade de escuta do outro, implica falar e ouvir, respeito com o outro. Essa crise de paradigmas precisa ser trilhada, estabelecendo prioridades quanto ao bem comum, a curiosidade, a criatividade, a autonomia, a determinação pela responsabilidade social, pela democracia, freando os impactos capitalistas e o desumanismo resultante dessa visão de sociedade.

A realidade é impositiva, pelo exemplo das cavernas às escuras e velada, manifestadas pelo consumismo, que desvaloriza o ser, a identidade pessoal e coletiva, pois, ao ficarmos embevecidos pelo brilho do ter, pela eficiência exacerbada do individualismo e competitividade, distanciamos-nos do ato colaborativo, do agir em coletividade.

## **6 Conclusão/Recomendações**

A escola é, por excelência, um espaço de humanização, sua essência reside em superar a violência e a solitariedade, o não humano, através da construção de saberes em diálogos geradores de autonomia, emancipação e cooperatividade.

Vislumbra-se, a partir daí, alguns mundos (movimentos) provisórios:

a. do *conhecimento*. Tanto a escola em sua educação formal como a família através da educação informal, precisam sair da transmissão pela transmissão de saberes e culturas, investindo na dimensão do aprender a conhecer, do aprender a fazer, do aprender a ser e a conviver como competências para lidar com a rede de informações e de comunicabilidade na qual estamos inseridos e expostos. Não basta colocar computadores nas escolas e em casa, precisamos mudar a maneira de pensar, a compreensão de mundo, numa possibilidade dos atores pedagógicos, num movimento interativo, aprenderem em sua integralidade e em seus encontros possíveis.

b. da *esperança/entusiasmo*. Tanto o indivíduo, tanto a escola, quanto o sistema educacional são lançados ao desânimo, ao marasmo do cotidiano, à omissão do agir, deixando de serem motores para um mundo mais humano. Com o princípio esperança/entusiasmo é possível elencar algumas idéias valorativas e ressignificativas do atuar pacificador, tais como: cuidar da vida, valorizar a vida, respeitar a vida, projetar vidas, viver vidas.

c. da *atitude para ser mais*. Tanto o aluno, tanto o professor, quanto os gestores educacionais precisam usar e refletir constantemente sobre os aspectos de positividade que envolve o seu agir. A cada momento que todos esses atores se reconhecem, reconhecendo o outro e valorizando a vida, tornam-se cada vez mais humanos e agentes da paz. É uma busca do SER MAIS você, do SER MAIS o outro, do SER MAIS tolerante, paciente, generoso, do SER MAIS profissional da fé, do amor que enlaça vidas.

Podemos, sim, nessa perspectiva, avançar em direção a outros mundos possíveis, abrindo a perspectiva de um novo mundo em que haja paz, liberdade, um mundo mais humano. Superar os ditames da violência cotidiana, traduzindo-a de forma reflexiva, partilhando a amorosidade, apostando na vida e desenvolvendo, incessantemente, o gosto pela esperança, entusiasmando-se na construção de um mundo melhor, inclusivo, de paz.

## Referências

BUENO, André. **Formas da crise**. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

ESTÊVÃO, Carlos V. **Educação, justiça e democracia**. São Paulo: Cortez, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

MARTINS, Ângela Maria. **Autonomia da escola: a (ex)tenção do tema nas políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Reengenharia do tempo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

RIOS, Terezinha Azeredo. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA, Aída Maria Monteiro. **Educação para a cidadania: solução ou sonho impossível?** In: *Cidadania verso e reverso*. São Paulo: Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania de São Paulo, 1998.

